

## **Análise de expressões formulaicas em textos tradicionais das Folias de Reis**

### **Analysis of formulaic expressions in traditional texts from *Folias de Reis***

Elisângela Tavares Dias\*

*tdelys@hotmail.com*

*Secretaria Municipal de Educação (RN)*

Lucrecio Araújo de Sá Júnior\*\*

*lucrecio.sa@gmail.com*

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

---

**RESUMO:** Neste trabalho, focalizamos a relação entre intertexto e expressões formulaicas em Folias de Reis brasileiras. À luz da tradição discursiva (cf. Kabatek, 2006; Koch, 1997; Oesterreicher, 1997), e seguindo ferramentas teórico-metodológicas da Análise Textual (cf. Jubran, 2006; Marcuschi, 2008), nossa proposta é apontar como se dá a reiterabilidade do texto em dois momentos da folia: o *início* e a *chegada* da jornada. Dialogamos também com alguns autores que consubstanciam o pareamento escrito/falado na produção da língua/linguagem em sua interlocução, a saber: Zumthor (1997) e Ong (1982), dentre outros. Recorremos para nossa análise, a um *corpus* representativo de quatorze folias presentes nos estados de MG, RJ, GO, ES, SP e RN. Em face disso, suscitar essa relação dialógica permite-nos pontuar que é inegável a contribuição dada pela tradição oral, seja por seus traços ideológicos e histórico-culturais, seja pela continuidade do folguedo, sobretudo, porque a utilização de um texto dá realidade à retórica que o funda, pois é pela atualização da voz que este se justifica e existe em situação de performance (ZUMTHOR, 1997).

**PALAVRAS-CHAVE:** Intertextualidade. Expressões Formulaicas. Tradição Discursiva. Folias de Reis.

**ABSTRACT:** In this article, we focus on the relationship between intertext and formulaic expressions in Brazilian *Folias de Reis*. Being based on the discursive tradition (cf. Kabatek, 2006; Koch, 1997; Oesterreicher, 1997) and utilizing theoretical-methodological instruments from Text analysis (cf. Jubran, 2006; Marcuschi, 2008), we intend to show how reiteration is present in the text during two moments of the *folia*: the beginning and the end of the journey. We also establish a dialogue with two authors who consubstantiate written/spoken pairing in the production of language/languages during interlocution, viz., Zumthor (1997) e Ong (1982), among others. Our corpus for analysis comprises 14 *folias* found in the states of MG, RJ, GO, ES, SP e RN. Establishing this dialogical relationship allows us to

---

\* Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

\*\* Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba

point out that we cannot discard the contribution given by oral tradition, whether due to the ideological and historical-cultural marks present in the *folias* or to the continuity of the festivity. This is because, above all, the use of a text brings reality to the rhetoric that produces it, for it is through the actualization of the voice that the text is justified and exists in a performance situation (ZUMTHOR, 1997).

**KEYWORDS:** Intertextuality. Formulaic expressions. Discursive tradition. *Folias de Reis*.

## **Considerações iniciais**

Um conjunto de fatores justifica uma tessitura textual. Seja a escolha de sua tipologia em gêneros, sejam as estratégias de construção utilizadas que lhe permitam, por exemplo, a referenciação, repetição, parafraseamento, dentre outros, (JUBRAN, 2006) ou ainda, a aplicabilidade de critérios de textualização que subjaz à coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade (MARCUSCHI, 2008), ou sua ideologia discursiva, dentro outros. Isso obviamente decorre da relação texto e discurso e, como tal, constitui o ato da comunicação. Tal relação nos permite aduzir o entrelaçamento do escrito/falado, por meio da intertextualidade, que consubstancia o caráter comunicativo. Em outras palavras, subsume-se a noção de um texto aquilo que se perfaz pela totalidade integrada de uma unidade temática, cujo formato/significação se dá pela relação entre seus constituintes e contexto de produção (cf. GUIMARÃES, 2009, p. 12). Isso porque, numa noção preliminar, o texto<sup>1</sup>, enquanto linguagem, é compreendido como:

Uma forma de atividade humana construída nas/pelas interações sociais estabelecidas por interlocutores dotados de objetivos comunicativos. A linguagem é uma atividade interacional, estabelecido segundo as intenções de seus participantes e realizada por/através de um conjunto de operações verbais (SIGNORINI, 2008, p. 27).

Nessa perspectiva, o texto, por seu turno, é o lugar em que se constitui e interage o sujeito social e, dessa forma, resulta em um evento comunicativo compreendido como um tecido estruturado, entidade significativa/comunicação ou artefato sociohistórico, resultado da interação entre os pares (cf. MARCUSCHI, 2008, p. 72). Incompreendido e controverso, este ascende em discussões entre os

---

<sup>1</sup> Empregaremos neste Capítulo a palavra *texto* às modalidades oral e escrito.

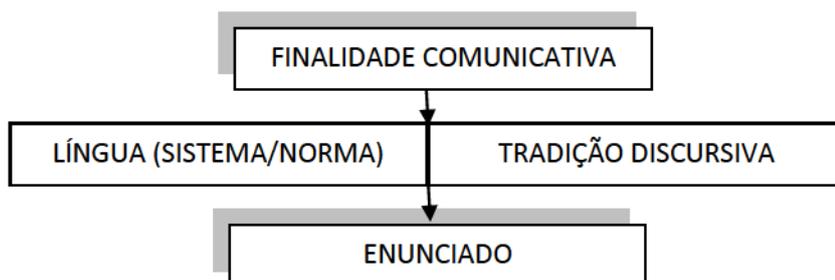
linguistas quanto à sua definição. Entretanto, há consonância no que diz respeito à genética textual e a história do livro e da leitura (ADAM, 2010, p. 19): um texto não é exclusivamente um objeto espacial estável, ele é ancorado histórico e socialmente em que se reflete todo discurso e todo sentido (ADAM, 2008, p. 42).

Por outro lado, Maingueneau (cf. MARCUSCHI, 2008, p. 130), a despeito do texto, mais notadamente sobre o intertexto, faz uma distinção considerável entre este e a intertextualidade. O primeiro, visto como fragmento discursivo, o microtexto, é o componente que decide as condições de produção do discurso (MARCUSCHI, 2008, p. 131) e o segundo, ou macrotexto, se referencia pelo princípio geral em que rege as formas de como ocorrerá a manifestação do intertexto. Noutras palavras, em síntese, podemos aventar que a intertextualidade ocorre pela presença do texto e as relações explícitas ou implícitas que poderá manter com outros textos, seja por citação, alusão, plágio, etc. e o intertexto seu sentido mais estrito; seus fragmentos linguísticos.

Nesse caso, já se antecipa o porquê do estudo das expressões formulaicas (EF). Com a aproximação com as tradições discursivas (TD), proposta por Kabatek (2006), Peter Koch (1997) e Wulf Oesterreicher (1997). A intertextualidade possui traços de semelhanças entre si, isto é, os dois carregam de alguma forma a evocação e a repetição. E no que tange ao intertexto das Folias de Reis (FR) seus fragmentos textuais-discursivos referenda a TD através do substrato de uma historicidade cultural que se perpetua através das gerações na cadeia da oralidade.

## **1 A tradição discursiva em questão: relação dialógica**

Dentre as diversas acepções no que concerne ao uso da linguagem como manifestação primordial da comunicação (JUBRAN, 2006, p. 8) atinamos para as tradições discursivas, dado o seu caráter histórico e sua relação tripartite coseriana que engloba o universal, o histórico e o individual, e rediscutida em Koch (1997) ao duplicar o nível histórico, considerando que passa por



Nesse caso, o autor considera que o texto está sujeito à mudança ao longo do tempo e, assim sendo, encontra-se em três filtros de inovação: (a) por diferenciação de tradições culturais; (b) por mistura de tradições culturais e (c) por contingência de tradições culturais. No primeiro momento, há a possibilidade de uma TD se diferenciar ao longo dos anos; no segundo, duas tradições, ao longo dos anos serem distintas têm a possibilidade do surgimento de uma nova, com traços da anterior e, por fim, ainda pode ocorrer de duas tradições distintas, desaparecendo, transformam-se numa nova (cf. PESSOA, 2006, p. 533). Assim, o folgado natalino em questão, pertence a esse segundo filtro, visto que o enredo se propõe a contar a história bíblica do nascimento de Jesus, que historicamente imbricou-se noutros folgados distintos, a saber: Reisado, Folia de Reis, Boi de Reis, Cheganças, Boi Calemba, Araruna, Pastoril, Presépio, Guerreiro, etc., e, com isso, observamos, em sua microforma, muito de repetições, que ajuizamos aprioristicamente como expressões formulaicas.

Kabatek corrobora Koch (1997), quando este divide o nível histórico e nos leva às TD. Sugere, nesse caso, que é a repetição de um texto que se perfaz a relação da atualização e da tradição. A rigor, diz:

A repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição (2006, p. 512).

Nessa perspectiva, se a TD é a repetição textual, via de regra, que evoca e se repete, encontramos nela expressões formulaicas que se cristalizam e caminham entre os gêneros do discurso. Esta é, pois, uma reflexividade enunciativa que concomitantemente atua como trabalho linguístico no interdiscurso, na memória cultural e nos elementos pré-construídos dispostos na sociedade (CAZELATO, 1998) e nos permite a um jogo de produção de sentido (MAINGUENEAU, 1989).

Assumindo, nesse caso, esta concepção, observaremos atentamente em textos da tradição oral, do conjunto das atividades mnemônicas do indivíduo, a continuidade de EF no discurso popular vivificada pela circularidade do texto.

## **2 Ai! “Santo” Reis aqui chegou**

O folclorista norterio-grandense Câmara Cascudo aplicava a terminologia Reisado (doravante, Folia de Reis) como os ranchos, ternos ou grupos que festejavam o ciclo natalino ou o dia de Reis. Aventava ainda que o folguedo poderia ter um enredo, ou ser meramente uma cantoria que representasse a ideologia mística popular. Fenômeno subdividido pelo folclorista mineiro Ulisses Passarelli, a FR se subdivide em **A**, aqueles em que se preservavam predominantemente cultos religiosos, e **B**, ao que não se verificavam esta predominância. Neste caso, temos: boi de janeiro, boi mamão, boi de reis, bumba-meu-boi, cavalo marinho, companhia de pastores, guerreiros, lapinhas, mulinha de ouro, pastores, pastorinhas, pastoris, rancho de reis, reis de boi, reis de careta, reis de congo, reisados, ternos de reis, etc. Assim, nossa pesquisa busca nesses dois grupos uma interseção. Isso porque, nosso foco é a folia de Reis no que tange ao ciclo natalino, à história bíblica que consagra o nascimento do menino Jesus.

Mais notadamente, nesse processo ritualístico percorrido pelos foliões que vai do *início da saída; chegada à casa do festeiro; benditos de mesa; peditório de esmolas; adoração ao menino Jesus; agradecimento; despedida; até à saída da folia*, observamos nessa rapsódia performática sincretismos religiosos, representados pelos entremeios do Boi, que permitem distinções entre os folguedos.

Não obstante à categorização de Câmara Cascudo, podemos ver nessa fusão FR e Boi de Reis (BoiR) uma prática noturna, à época natalina até o dia de Reis, em que um grupo de foliões – normalmente homens – peregrina e esmola em nome dos Reis Magos em sítios e fazendas ou perímetros urbanos num evento tríade em que envolve o canto, a dança e o teatro em que a temática se baseia em autos sacros ou eventos profanos ou humorísticos, que se encadeiam ou não. (cf. CASCUDO, 2000). Como se vê no gráfico abaixo:



Dessa forma, temos uma fusão de folguedos, aparentemente divergentes, que convergem em seus atos ritualísticos. Isso porque, nessa tríade performática de dança, canto e música há a presença de autos sacros e profanos que balizam esses folguedos natalinos.

Contudo, não nos importa sua lideracidade terminológica, tampouco operar em sua distinção. Sua variabilidade só pontua a ideologia cultural popular, mostrando-nos que a vida cotidiana não se desmembra da história, mas se imbricam no núcleo dessa historicidade, sendo, pois, a essência da substância social (cf. MOYSÉS, 2002, p. 20), uma vez que toda obra significativa volta à cotidianidade e seu efeito sobrevive na cotidianidade dos outros (MOYSÉS, 2002, p, 27) e como tal sobrevive e ascende culturalmente.

Cabe observar, de antemão, que, parafraseando Bakhtin, a cultura não é um objeto adâmico, inóspito, atemporal ou estagnado<sup>2</sup>. Ela rea(s)cende em seu processo de movência, em queo texto permanecerá o mesmo, mas a voz sofrerá modificações ao longo dos tempos e esta fundamentalmente se constitui em cultura como fenômeno central (ZUMTHOR, 2000). Nesse caso, o canto é visto como

Uma ferramenta linguística, concebida e procurada na medida em que os indivíduos põem em prática seu imaginário social. [...] é uma linguagem que se manifesta de duas formas: na primeira dimensão se dirige ao sagrado, com objetivo oracional; na segunda, se dirige ao próprio grupo por meio de interação que revela o imaginário social, meio de comunicação e interação, que na narrativa embute

<sup>2</sup> A citação é: "Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear". In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzeller]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 319.

valores, ideologia e identidades, processos significantes para a organização político-social (SÁ JÚNIOR, 2009).

Cabe observar que esse diálogo sobre as FR partirá de dois momentos significativos de uma folia: é o *início*, ou saída, do cortejo e a *chegada* à casa do festeiro. Impossível seria pesquisar expressões através de inquéritos orais, referências bibliográficas, em composições musicais que comportasse toda a pesquisa. Assim, ao contrário do que se imagina, da não seriedade da pesquisa na internet, muitas vezes; da falácia, encontrável em alguns *sítes*, tão costumeira, propusemo-nos frase a frase nosso escopo de pesquisa, tentando, evidentemente, o respaldo das EF em livros ou textos assinados. Acolhemos, portanto, para o cortejo das expressões formulaicas as folias a seguir, considerando as primeiras como a abertura, o *início*, desse evento cultural:

(A) *Companhia de Reis Santa Luzia (PR)*<sup>3</sup>

- (1) Ai! **Pai, Filho e “Espírito” Santo**
- (2) Ai!**Na hora de Deus amém**
- (3) Ai!Agradeço a vossa ceia
- (4) Ai!A que “vóis” deu pro folião
- (5) Ai!O seu pai é nosso amigo
- (6) Ai!**A sua mãe é uma rosa**
- (7) Ai!Os seus filhos são a estrela
- (8) Ai!A estrela **guiada por Deus**
- (9) Ai o Santos Reis vai seguir o seu caminho
- (10) Ai!Pela estrada de Deus amém
- (11) Ai! “Nóis” vai dar a fita branca
- (12) Ai!Que representa o “espírito” Santo
- (13) Ai! “Nóis” agradece a hospitalidade
- (14) Ai!E também o Rei Menino
- (15) Ai!E também o amarela
- (16) Ai!Representa a fiança
- (17) Ai! “Nóis” já “vamo” lhe dar
- (18) Ai em louvor de Santa Luzia
- (19) Ai!Tem um terço pra rezá
- (20) Ai!No dia seis de janeiro
- (21) Ai! **Pai, Filho e “Espírito” Santo**
- (22) Ai!**Na hora de Deus amém.**

---

<sup>3</sup>As FR pesquisadas pertencem a dissertações brasileiras na área de Antropologia, Música, Ciências Sociais, que estão registradas em diversas universidades no país, protegidas por direitos autorais. Assim, a recolha das FR do Paraná pertence ao pesquisador André Camargo Lopes. A FR do Mestre Tachico é de Wagner Neves Diniz Chaves e a do Grupo Folclórico Campinense é de Célia Maria Cassiano. Em contato com a Biblioteca Nacional do RJ, verificamos que a cópia, mesmo para fins acadêmicos, não poderia ser feita por não possuir 70 anos, após morte de seu autor, ferindo, portanto, os direitos do autor. Só daí, é que poder ser liberada para domínio público. Por isso, a recorrência a pesquisadores desses folguedos.

A tomada das EF, como se vê neste exemplo, reporta-nos a expressões de ditos populares de proteção ao banho de um recém nascido<sup>4</sup>, em A2 e A22. Além de se verificar a mesma expressão em canções da música popular brasileira (MPB), a saber: *Lá vem o Rei 'Ariombo'/Rainha chega também/Trazendo o povo de Tamba/Na hora que Deus, amém*<sup>5</sup>. Dentre tantos outros exemplos encontrados, como em orações líricas: *Senhor que governa esse mundo/e a outro mundo também/Na hora de Deus amém*.

Há ainda a mesma EF em músicas folclóricas, a saber: *Na hora de Deus, amém,/Na hora de deus, amém - ô!/Padre, Filho, Esp'rito Santo. (bis)/São Gonçalo de Amarante,/São Gonçalo de Amarante - ô!/não é como os outros santo*<sup>6</sup>. (bis) e noutro folgado popular paraibano, denominado de Cavalo Marinho, eis: *Deus fez o sol e a lua/Fez suas verdes campinas/Com suas flores cheirosas/E as águas cristalinas/Deus fez o sol e a lua/Fez as estrelas também/Seguindo nossa viagem/Na hora de Deus amém*.

Naturalmente, a reiteração da benzedura diária dos católicos, como se vê em A1 e A21, mesmo que haja uma variante popular em *espírito*, é outro exemplo de EF. Podemos, ainda, observar em trechos de novenas: *Encerramos estes cânticos/Fazendo o sinal da cruz/Pai, filho, Espírito Santo/Pra sempre, amém, Jesus*.

Em A6, verificamos uma quadra comum no fazer diário escolares das crianças: *A sua mãe é uma rosa,/Seu pai é um jardim.../E ficaram a noite inteira,/Fazendo você pra mim*. E recorrente é o adágio popular *dirigido por mim/guido por Deus*, encontrados em para-choques de caminhão, como se vê em A8.

*(B) Folia de Reis do Mestre Tachico (RJ)*

- (1) **Pai e Filho Espírito Santo** que seja nossa guia
- (2) **santo é o nome de Jesus**, José e Maria
- (3) Meu mártir São Sebastião que seja nossa guia
- (4) **santo é o nome de Jesus**, José e Maria
- (5) **Glorioso** Deus menino... [pedidos].

<sup>4</sup>Ouvi durante toda a minha infância e, por repetição, acabei tornando a cantarolar em minha maternidade, mesmo não dando, inicialmente, credulidade ao texto, eis: na hora de Deus amém/que este banho não faça mal a meu neném.

<sup>5</sup> Texto *Rainha de Tamba* de Jackson do Pandeiro

<sup>6</sup> Roda de Francisco Osvlado de Souza

- (6) Meus 3 Reis do Oriente ... [pedidos]
- (7) E hoje mãe Aparecida.... [pedidos]
- (8) Meu São Jorge cavaleiro ... [pedidos]

O estudo das EF possibilitou-nos a inserção ao mundo de diversos credos religiosos. Nesse caso, em B1, verificamos nos cantos da umbanda a seguinte expressão: *Nessa casa tem quatro cantos/Cada canto tem um santo/Pai e filho, Espírito Santo/Nessa casa tem 4 cantos/Zum zum zum/Olha só Jesus quem é/Eu rezo para santas almas/Inimigo cai/Eu fico de pé* (cf. OLIVEIRA, 1992). Outra via marcante de EF é vista em músicas gospel como em B2: *Santo é o nome de Jesus/Santo é o Senhor/Santo é o nome de Jesus/Santo é o nome, santo é o nome, o nome de Jesus*. Por fim, outra expressão que nos pareceu recorrente em nossas pesquisas foi a adjetivação de B5 como se vê em um canto de catimbó: *meu glorioso padre santo Antonio/pela hora que o anjo anunciou/ a morte do vosso pai,/Martins de Bulhões...* e foi assim em vários outros cantos. O predicativo estava sempre presente em cantos moçambicanos e desse credo religioso.

(C) *Reis de Mossâmedes (GO)*

- (1) Ônas horas que Deus começa**
- (2) vamos todos começar
- (3) Pai, o Filho e Espírito Santo**
- (4) Pra livrar de grande azar.
  
- (5) **Ah, nas horas que Deus começa**
- (6) vamos começar também
- (7) Ah, pra benzer meus foliões
- (8) nas horas de Deus amém.**
  
- (9) Ai que hora abençoada**
- (10) nesse abençoado dia
- (11) aqui nós todos arreunido
- (12) pra soltar essa Folia.
  
- (13) Peço à Estrela do Oriente
- (14) para ser a nossa guia
- (15) Ai, nessa hora aqui presente**
- (16) até a entrega da Folia.
  
- (17) Ai senhor dono da casa**
- (18) essa nova vou lhe dar:
- (19) a promessa dos Três Reis
- (20) é que vai lhe abençoar.
  
- (21) Vamos cumprindo a promessa

- (22) precisamos de seguir  
(23) ah, com certeza foi válido  
(24) vosso voto vão cumprir.
- (25) Ah, vamos cumprindo a promessa  
(26) pros três Reis da Adoração  
(27) Ai, pra cumprir sua promessa  
(28) vamos ajoelhar no chão.
- (29) Os Três Reis seguem viagem  
(30) Pela uma Anunciação  
(31) Ah, que nasceu Menino Deus  
(32) pra fazer adoração.
- (33) O Rei Herodes perguntou  
(34) que que existe lá em Belém?  
(35) Ai, lá tem a Virgem Maria  
(36) e o seu filho também.
- (37) Eu também vou lá em Belém  
(38) conhecer esse Messias  
(39) conhecer a sua mãe  
(40) e também sua profecia.
- (41) Ai, já podemos levantar  
(42) com prazer e alegria,  
(43) despedir dessa bandeira  
(44) que ela vai com a Folia.

Certamente há que se ponderar o estudo das EF, uma vez que não é meramente uma simples repetição frasal, mas, segundo Maingueneau (1989), estas se realizam como formas metaenunciativas, que se articulam pela heterogeneidade enunciativa, ou seja, pela metalinguagem e pela enunciação (cf. Authier-Révuz, 1998). Isso ocorre quando expressões cristalizadas (porque não aduzir, metafóricas, ou até proverbiais) materializam-se no falar diário das pessoas, em que sua manipulação torna-se prática comum na linguagem. Assim, em C1 e C5, observamos a EF no início do canto: *na hora de Deus começa/o pai e Filho e Espírito Santo/mas vou pedir Nossa Senhora/que livra n os dos maus encantos/Ô meu irmão/com favor de Deus vamo acomeçar/ companhia santa vamos pelejar/de joelho vamos pelejar*<sup>7</sup>... Esta é certamente uma expressão que ultrapassa as fronteiras brasileiras, pois percebemos em cantos moçambicanos o mesmo termo: [...] *viva Deus e viva mundo, ô gente/Viva povo moçambiqueiro/Chora ingoma, auê/É*

---

<sup>7</sup> Recolha de: RIOS, S. *Os cantos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis*. In: Capitão Zé Anibal, *Reinado do Rosário de Itapeçerica, MG*. CD dos mistérios, faixa 10, “Com favor de Deus, vamoacomeçar”.

*na hora que Deus começa/Quero começar também/Chora ingoma, auê* (cf. OLIVEIRA, 1992).

Embora já tenhamos mostrado que é recorrente a EF em C3, temos dois outros exemplos. Trata-se, pois, de uma simpatia: *Deus Pai, Filho, Espírito Santo Deus Pai, Filho, Espírito Santo, Senhor Deus em nome de Jesus Te peço que nesse exato momento que (nome) sinta saudades de mim* de um bendito, como em: *O Rosário de Maria - Foi feito em Jerusalém./Pai e Filho, Espírito Santo,/Na hora de Deus, Amém!*

Ouve-se por curandeiros para se tratar de talhações, como a erisipela, a seguinte EF: *Se tu és Rosa, filha delarosa,/Chupas sangue e secas carne,/Eu te darei um fogo com que te abrande./- Senhor, não me deis fogo com que me abrande/Ponde-me cinco dedos e a palma,/Qu'eu me derreterei como o sal na água./Reza-se, então, o Pai-Nosso e a Ave-Maria./No fim das cinco talhações diz-se:/Uma Salve-Rainha/A Nossa Senhora de Belém/P'ra que te abrande esse fogo./Na hora de Deus, amém[C8].*

O jogo de EF em diversos gêneros parece-nos permanecer vivo e movente (ZUMTHOR, 2000). As expressões bailam sempre no dia a dia das pessoas. Em C9, verificamos uma variante da expressão no espiritismo, a saber: *Abençoada seja a hora em que nos reunimos, de espírito a espírito, para o novo empreendimento em que conservamos por objetivo a própria perfeição.*

Podemos comparar, mesmo que seja um único exemplo, que a movência frasal, característica de um EF, é bastante presente em MPB. Em C15, observamos: *Eu posso até não achar o seu coração/E talvez esquecer o porquê da missão/Que me faz nessa hora aqui presente/E se a minha balada na hora h/Atirar para o alvo cegamente/Ela é pontiaguda/Ela tem direção, Ela fere rente/Ela é surda, ela é muda/A minha bala, ela fere rente.*

De uma maneira geral, a súplica da EF em C17 é bastante comum em várias FR e BoiR, mas podemos citar no mínimo umas 03 MPB que apresentam em seus cantos esta expressão. O Quinteto Violado, Raimundo Fagner e Belchior são exemplos. Neste, verificamos: *Ah! Meu senhor, dono da casa,/acorde, pois o sol quer lhe dizer/que a morte fez metade do caminho,/Abra, que sou seu vizinho;/saia, pra me responder.*

Realçamos um ponto importante, presente nas FR, que nos parece uma evocação: é o caso das interjeições. Nelas, observamos uma profusão de *Ó! Ah! Ai!*

Viva! Ó! que nos permite aduzir o reconhecimento de uma EF, dada a sua repetição<sup>8</sup> noutros textos. Eis: *ó incomparável Senhora da Penha... ó virgem santíssima, cheia de bondade...* em um cântico de catimbó, ou ainda: *ó piedosa, ó doce sempre virgem Maria*, da Salve Rainha.

(D) *Folia de reis de Jaraguá (GO)*

- (1) **Faço o sinal da Santa Cruz**
- (2) **Princípio de oração**
- (3) Pra fazer o belo canto
- (4) Desta rica invocação.
  
- (5) **Ó glorioso Santos Reis**
- (6) Já está em nossa guia
- (7) Pra **cantar alegremente**
- (8) A alvorada da folia.
  
- (9) Aqui está os Santos Reis
- (10) Na bandeira alevantada
- (11) Pra **cantar alegremente**
- (12) Esta bonita alvorada.
  
- (13) Santos Reis vai pra Belém
- (14) Com sua companhia
- (15) Pra visitar o menino Deus
- (16) Filho da Virgem Maria.
  
- (17) Hoje está de arretirada
- (18) Estes Santos Reis da Glória
- (19) Pra visitar o Menino Deus
- (20) Filho de Nossa Senhora.
  
- (21) Ele vai fazer o seu giro
- (22) Com toda a companhia
- (23) Pra ajudar o seu nobre alferes
- (24) A tirar sua folia.
  
- (25) Já está de arretirada
- (26) Estes Santos Reis da Glória
- (27) Vai visitar seus devotos
- (28) E pedir a sua esmola.
  
- (29) Vai visitar os seus devotos
- (30) Com a sua nobre folia
- (31) E pedindo a sua esmola
- (32) Pro festejo do seu dia.
  
- (33) Meu senhor, nobre alferes

---

<sup>8</sup>No gráfico referência, optamos por não apresentar as interjeições. Preferimos, noutros artigos, fazer este cotejo com outras partes do ritual.

- (34) Deve estar muito contente  
(35) Vai sair com a folia  
(36) Com os Três Reis em sua frente.
- (37) Vós que caístes no sorteio  
(38) Pra este ano presente  
(39) Vamos sair com a folia  
(40) Pra os Três Reis do Oriente.
- (41) Meu senhor nobre alferes  
(42) Você dá dois passo pra frente  
(43) Põe o seu joelho no chão  
(44) Você beija o Onipotente.
- (45) Meu devoto folião  
(46) Vamos todos ajoelhar  
(47) Embaixo dos Três Reis Santos  
(48) Pra eles nos abençoar.
- (49) Meu senhor nobre alferes  
(50) Benzê-nos com esta bandeira  
(51) Porque ela é que nos leva  
(52) Pela estrada verdadeira.
- (53) Alevanta, folião  
(54) Que no chão ajoelhou  
(55) Oh glórias! Santos Reis  
(56) Foi quem nos abençoou.
- (57) Meus devotos foliões  
(58) Afirmar as vossas mentes  
(59) Pra fazer um bonito giro  
(60) Com os Três Reis em nossa frente.
- (61) Nossa Senhora veio ao mundo  
(62) Não foi só pra passear  
**(63) Ela abençoou o mundo inteiro**  
(64) Pra nós poder andar.
- (65) Ela **abençoou o mundo inteiro**  
(66) Pra nós poder andar  
(67) E Jesus Cristo veio depois  
(68) Pra o caminho nos ensinar.
- (69) Pai Nosso, Ave Maria  
**(70) Oração que Deus deixou**  
(71) Nós cantemos aqui na terra  
**(72) E os anjos cantam em louvor.**
- (73) Já cantamos e já louvamos  
(74) A alvorada de alegria  
(75) E os anjos estão louvando  
(76) A saída da folia.
- (77) Encerramos estes cânticos

- (78) Fazendo o sinal da cruz
- (79) Pai, filho, Espírito Santo**
- (80) Pra sempre, amém, Jesus.**

Contemporaneamente, observamos em poesias góticas a EF observada em D1: *O poderoso caminha comigo/faço o sinal da santa cruz/livrando-me dos inimigos.*

As FR têm em sua essência o significado bíblico da ida dos Reis Magos à manjedoura para ver o menino-Deus. Dessa feita, é comum que os mestres-foliões se amparem em passagens bíblicas para seus cantos. Nesse caso, nossa pesquisa observou que muitas foram as recorrências textuais sobre a expressão “princípio de oração” e “abençoar o mundo inteiro”, todas elas subsidiadas pela Bíblia, como em D63 e D65.

No enunciado D5 a inserção dessa mesma oração noutras FR fica evidente. Vejamos um exemplo disso: *Ó di casa, ó di fora/Qui hora tão excelente/É o glorioso santo Reis/Qui é vem do Oriente/Ó de casa, ó de casa/Alegre esse morado/Que o glorioso santo Reis/Na sua porta chego.*

A reiterabilidade de EF em músicas brasileiras, em linhas gerais, aparecia-nos em profusão. Certamente, via de regra, por estar no arcabouço vocabular dos indivíduos sua prática é constante. Observamos isso em D7 e D11: *Vamos voar novamente/Cantar alegremente/Mais uma canção/Tantas crianças já sabem/Que todas elas cabem/No nosso balão.*

Não negamos, é claro, a presença de uma EF em D70 numa poesia alentejana do poeta Sebastião Gama, em 1943, à Florbela Espanca. Nela, vê-se: *[...] eu tenho três mil anos: sou poeta/Surgi dos lábios secos dum asceta,/de uma oração que Deus deixou de parte/Redimi tantos corpos, tantas vidas/neles vivi, que sinto já nascidas/asas com que subir para alcançar-Te.*

Conforme a EF em D72, encontramos um canto evangélico, a saber: *Até o céu silencia/quer ouvir o bebê chorar/Reis magos e pastores/Também vieram adorar/Anjos cantam em louvor/A terra se enche de esplendor.* Esta inscrição também ocorre costumeiramente nos falares regionais.

#### **(E) Folia de Rei do Sul de Minas (MG)**

- (1) Os três Reis do Oriente
- (2) Já partiram pra Belém,
- (3) Visitar Nossa Senhora,

- (4) O que Ela tem.
- (5) Jesus Cristo foi nascido
- (6) Numa noite de Natar,
- (7) Regulando meia-noite,
- (8) Antes do galo cantar.**
- (9) Os Três Reis, quando souberam,
- (10) Saíram de sua nação;
- (11) Foi visitar o Menino,
- (12) Com os presentes na mão.
- (13) Três coroas de ouro
- (14) Havia em seu tesouro.
- (15) Ofereceram incenso e mirra,
- (16) Também ofereceram ouro.
- (17) Vinte e cinco de março,
- (18) Veio um anjo e avisou
- (19) Que ia nascer o Menino,
- (20) Pra ser nosso Salvador.
- (21) O galo do Céu cantou,**
- (22) Já foi dando o seu sinar
- (23) Que Jesus tinha nascido.
- (24) Naquele belo lugar.
- (25) Vinte e cinco de dezembro,
- (26) Foi a visita dos pastor
- (27) Visitar o Deus Menino,
- (28) Jesus Cristo, nosso Senhor.
- (29) Os três Reis parou na porta,
- (30) Um ao outro, então, dizia:
- (31) Viva o esplendor da estrela no Céu,
- (32) Que tal fato anuncia.
- (33) O bom Jesus subiu ao Céu**
- (34) Numa Arca da Aliança;
- (35) No mundo deixou o presépio
- (36) Para ser nossa semelhança.
- (37) Meus três Reis do Oriente
- (38) Em breve ficam avisados,
- (39) Pra seguir pra outro caminho;
- (40) Rei Herodes fica enganado.
- (41) Vou tirar minha Bandeira**
- (42) Do lugar onde eu pus,
- (43) Com o poder do Espírito Santo,
- (44) Pelo nome de Jesus.**

Um número considerável de EF foi observado em E8 e E21. Então, podemos assentir que há, mesmo em suas variantes, a repetição desta oração em músicas,

como na Congada do Rei de Moacyr Franco: [...] *o galo cantou/ todo mundo respondeu/a estrela anunciou/que nasce o menino-deus* e em passagens bíblicas [Marcos 14:72 e Lucas 22:60].

Já vimos a presença maciça da MPB em expressões formulaicas. Mais uma vez é o que verificaremos em E33. O padre Marcos Oliveira popularizou um canto religioso, como se vê: *Se eu subir aos céus/Tu ali estarás/Se eu descer ao fundo/Tu ali estarás/E se eu habitar no mar/Ainda ali/A tua mão me guiará*

Passemos agora à variante de E41. Assistimos aqui a expressões que mostram similitudes como se observa no canto moçambicano: *eu vou levantar banderê/Eu vou levantar bandeirá/Ai iólelé banderê, Ai iólelé banderá/ ô bandeira, ô bandeira, Ê bandeira, auê bandeira*. Finalmente em E44 endereçamos à EF frases cotidianas que fazem parte dos agradecimentos das pessoas e, ainda, ao se pedir esmolas.

*(F) Boi de Reis do mestre Manoel Marinheiro (RN)*

- (1) **Boa noite** meus senhore, senhoras e senhurita
- (2) Ropa e carça de fita
- (3) Todos aceito em meu louvores
- (4) Segundo o reparadore terreiro e casa e mobrília
- (5) **A noite grande vigia**
- (6) Quem repara não me atrasa
  
- (7) Dô louvô a essa pratéia mais ilustre famia
- (8) Os três rei do oriente foi formô regimento
- (9) Marcharum in continênça, amos foro adorá,
- (10) Assim querendo amostrá a Deus tanta obdiência
- (11) Só por uma experiênça de uma estrêla aparecida
- (12) **Morreu pra salvar a vida** tenha dó da inucênça.
  
- (13) Sol e lua estrêla e céu e nuvem e chuva e vento e luz
- (14) Glória igreja e alma e anjo e oratório **sant'cruz**
- (15) O nosso Deus infinito Sinhô do céu e da terra
- (16) Com seu puder governa, tudo que no mundo existe
- (17) Mas já sofrendo gota triste foi o que lhe dera beber fel
- (18) Foi longuinho pru ser cruel cravou a lança no peito
- (19) Temeu a dó sem tê jeito sol e lua estrêla e céu
- (20) E adepois do acidente, tendo passado treis dias
- (21) Resprandeceu o Missia Deus eterno para sempre
- (22) Aonde se acha presente todos os aposto e arcanjo
- (23) Mas teve um pêlo arranjo foi quê lhe fez padecê
- (24) Temeu a vista devê glória, igreja e alma e anjo.
  
- (25) E os fariseu erum tanto, quanto a Cristo onipotente
- (26) Jesus machava de frente com os pés e as mão cravado

- (27) Hoje tá no céu prostado, nuvem, chuva, vento e lua
- (28) Anda Pedro e tu não vai
- (29) Anda Pedro e tu não vai
- (30) Eu vou junto com João.
- (31) E todos aposto então, todos eles, eu queria
- (32) Mas ficou todo nesse dia com prazê e primô
- (33) Mas lá ficô Juda traidô, que não pôde aparecê,
- (34) Que nunca mais é de vê, **a santa cruz do Sinhô.**

Diferentemente dos outros cantos até o momento apresentado, a escrita deste não se mostra com uma prática alfabética tida como padrão. Faz parte da oralidade que, segundo Maurice Houis (cf. CALVET, 2011, p. 10), é compreendida como uma propriedade da fala/comunicação que é realizada sobre uma percepção auditiva da mensagem, pois é na tradição oral, em que repousa as reminiscências dopovo, que o texto permanece. A historicidade contida nesse BoiR, aquém da escrituralidade, sugere um conhecimento: *o das coisas do mundo*. De modo evidente, o autor sintetiza:

A ausência de tradição escrita não significa, de maneira alguma, ausência de tradição gráfica. Em muitas sociedades de tradição oral, existe uma picturalidade muito viva [...] e mesmo que sua função não seja, como no caso do alfabeto, registrar a fala, ela participa da manutenção da memória social (CALVET, 2011, p. 11).

Kabatek (2006, p.509) pontua que uma tradição discursiva são modos tradicionais de se falar algo. Ou seja, o simples ato de fala presente em F1 é evidentemente uma EF, vista que essa finalidade comunicativa evoca repetições. Isso posto, o autor referenda que o traço que define uma TD é essa relação existente entre um texto, considerando sua historicidade, e outro, mostrando-se numa relação temporal com a repetição de algo (op. cit. p, 510). Evidentemente que nem toda repetição de elementos da língua se traduz numa TD, uma vez que esta imprime em sua formação algo que se repita.

Importante lembrar que certas repetições podem não ser ainda uma TD, mas podem estar ligadas às TD (KABATEK, 2006, p.510). É o que se vê em F5. Não encontramos registros de uma generacidade plural, mas esta oração normalmente são falares proverbiais regionais que significa estar atento a algo.

Em F12 é comum ouvir/ler em jornais e noticiários expressões como essa que normalmente se encontra em histórias/passagens bíblicas sobre a morte de Cristo [1João, 2:2 e 3:16; Esdras 9:9]. Por fim, noutra auto natalino alagoano,

observamos a EF em F34: *Igreja da Sé/O sino tocou/Nós vamos adorar/Santa Cruz do Senhore* outras tantas músicas evangélicas. Tal como observamos, a expressão *Santa Cruz* é bastante utilizada. Encontramos ainda um cântico do catimbó que faz alusão a ela: [...] *a santa cruz que o sagrado leixo/onde nosso senhor Jesus Cristo foi crucificado/ como o altar, amparado e guardado/ serei eu entre a cruz e o manto sagrado* (OLIVEIRA, 1992, p. 59).

*(G)Folia de Reis do Grupo Folclórico Campinense (SP)*

- (1) Santo dos Reis
- (2) Pai trouxe um *anobom*, ai, ai, eh...
- (3) E também muita saúde, ai, ai
- (4) Toda sua geração
- (5) E também muita saúde
- (6) Mais toda sua geração, ai, ai, eh...
- (7) Esperamos por notícia
- (8) Mas seu *bondosocoração*, ai, ai, eh...
- (9) Nós esperamos por notícia
- (10) Mas seu bondoso coração, ai, ai, eh...
- (11) Levando a esperança
- (12) Para manter a tradição
- (13) Pra manter a tradição, ai, ai, eh...
- (14) Com a fé em Jesus Cristo, ai, ai
- (15) E amigo dos folião
- (16) Com a fé em Jesus Cristo
- (17) E amigo dos folião, ai, ai, eh...
- (18) No dia 6 de janeiro
- (19) Encontramo sorridente
- (20) Muita salva de rojão
- (21) Encontramo sorridente ai
- (22) Muita salva de rojão, eh...

Ao se corroborar uma TD, Kabatek (2006, p. 510) antecipa que há três condições: (a) uma TD deve ser discursiva, sendo excludentes as não linguísticas; (b) mesmo havendo repetição de elementos linguísticos, sua repetição não pressupõe, via de regra, uma TD e (c) no tocante ao conteúdo textual, o autor sublinha:

Poder-se-ia dizer que a repetição da comunicação de um conteúdo já é uma TD já que é algo linguístico e ao mesmo tempo algo que se repete. Ou a repetição de uma situação e as palavras pronunciadas em ambas. Ou a repetição de duas instituições ou de dois canais particulares de comunicação.

Nesse caso, a FR paulista, assim como outras vistas, trazem muito da *evocação*, peculiar às TD. Entretanto, optamos pela condição *b*, proposta pelo autor. Projeta-se aí o efeito da enunciação, proposta por Bakhtin<sup>9</sup> (1976, p. 10), uma vez que

A enunciação está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único. Finalmente, o enunciado reflete a interação social do falante, do ouvinte e do herói como o produto e a fixação, no material verbal, de um ato de comunicação viva entre eles.

Assim, dá-se o bailar dos foliões. É no momento da *chegada* à casa do festeiro que há a continuidade do ritual performático e reflete seu momento histórico vivo, em que o enunciador produz a sua história, o seu credo pelo discurso verbal e que pela sinergia de todos começa a narratividade poética em canto.

*(H) A Companhia de Reis Santa Luzia, Londrina/PR*

- (1) Ai! **“Santo” Reis aqui chegou**
- (2) Ai! A estrela acompanhou
- (3) Ai! Vêm cantando os santos versos
- (4) Ai! Ao Menino Deus, Jesus
- (5) Ai! da “Virge” concebido
- (6) Ai! contra a dor que os “homem” têm
- (7) Ai! Ao Santo Reis faça um pedido
- (8) Ai! Mas peça a Deus e a “Virge” Maria
- (9) Ai! Santo Reis veio a essa Santa terra
- (10) Ai! com a Santa Estrela Guia
- (11) Ai! **Pai, Filho e “Espírito” Santo**
- (12) Ai! **Na hora de Deus amém.**

Certamente já fizemos uma incursão por várias MPB, mas a letra de Martinho da Vila é, sem dúvida, a que mais justifica uma evocação e sinônimo evidente de uma intertextualidade. Nela, o intérprete diz:

A vinte e cinco de dezembro/Se reúnem os foliões/E vão prá rua/Bater caixa nos portões/Lá vão pandeiro, sanfoneiro, violões/Santos Reis aqui chegou ai, ai/Pra visitar sua morada ai, ai,

---

<sup>9</sup> Este texto foi originalmente publicado em russo, em 1926, sob o título “Slovo v zhizni i slovo v poezie”, na revista Zvezda nº 6, e assinado por V. N. Voloshinov. A tradução para o português, feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, tomou como base a tradução inglesa de I. R. Titunik (“Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”), publicada em V. N. Voloshinov, *Freudism*, New York. Academic Press, 1976.

ai, ai/Eles só voltam prá casa dias seis/Dia de Reis/Por sete anos se repete o ritual/Pra todo canto levam/ o bem, espantam o mal/Ô de casa, ô de fora/Ô de casa, ô de fora/Quem de dentro deve estar/Os de fora Santos Reis/Que lhes vieram visitar/Que vieram visitar, ai, ai/Na folia tem palhaço/Que faz verso e diabrura/Representa o tinhoso/Tentador das criaturas/Mas também tem a bandeira/A Bandeira do Divino/Mais atrás os três Reis Magos/Procurando o Deus Menino/Ô de casa,/ô de fora.../Batem lá na sua porta/Pra pagar uma promessa/Levam mestre e contra-mestre/Pra poder cantar à beça/Dia vinte de janeiro/Eles dão uma festinha/Com viola, violeiro/Desafio e ladainha/Ô de casa, ô de fora...

Já adotamos alguns exemplos para H11 e H12, mas relembramos mais um canto de Moçambique: *nome do Pai e do Espírito Santo/nome do Pai e do Espírito Santo/Na hora de Deus, amém/Olelê, olelê, ôô, iê/Ai ô lelê ioiô ieiê ia/É nome do Pai e do Espírito Santo/nome do Pai e do Espírito Santo/Na hora de Deus, amém.*

*(I) Folia de reis do mestre Tachico (RJ)*

- (1) Santo Reis na sua casa
- (2) é sinal de alegria
- (3) ele veio trazer saúde
- (4) para o senhor e a família
- (5) Meu senhor dono da casa**
- (6) hoje eu vim lhe visitar
- (7) vim trazer meu Santo Reis
- (8) pra sua casa abençoar
- (9) Nós fazemos a imitação
- (10) como os 3 Magos fizeram
- (11) quando foram pra Belém
- (12) quando de Belém vieram
- (13) Chegaram ele em Belém
- (14) pelo menino indagaram
- (15) julgaram já ter morrido
- (16) ninguém notícia não dava
- (17) Saíram ele na rua
- (18) levaram seus instrumentos
- (19) reuniram e ele cantava
- (20) lembrança do nascimento
- (21) Companhava o povo todo
- (22) todos com muita alegria
- (23) todos dava a sua esmola
- (24) assim os profeta fazia

A EF encontrada em I5 pode ser encontrada também em variadas FR, BoiR e ternos de Reis. Como se vê em:*Meu senhor, dono da casa/Acordai, se estais dormindo/Venha ver a estrela d'alva/Que bonita está saindo.*

*(J) Folia de Reis de Mossâmedes (GO)*

(1) **Ai, ô que hora abençoada**

(2) Nessa bonita chegada

(3) Encontrou nosso festeiro

(4) Quero ver ele coroadado

(5) Ai, na viagem dos Três Reis

(6) vem chegando aqui agora

(7) ai, encontrou nosso festeiro

(8) e também sua senhora.

(9) Ai, os Três Reis vieram vindo

(10) por uma anunciação,

(11) ai, o boneco **pede licença**

(12) pra fazer coroação.

(13) Os Três Reis vieram ver

(14) com prazer e alegria,

(15) **pede licença** ao festeiro

(16) pra seguir com a folia.

(17) Às 4 horas da tarde

(18) os Três Reis evêm chegando,

(19) Santos Reis salva o festeiro

(20) E o povo tá esperando.

(21) Os Reis Magos de viagem

(22) viemos do Oriente

(23) pra **pedir a vossa licença**

(24) e abençoar toda essa gente.

(25) Na viagem dos Três Reis

(26) nesse arco ele parou

(27) pra trazer muita alegria

(28) e a bandeira do Senhor.

(29) Vai seguindo com a bandeira

(30) que a estrela anunciou

(31) (dois versos inaudíveis).

(32) Tá chegando os Três Reis Santos

(33) nesta bonita chegada

(34) viva o nosso festeiro

(35) com todos seus convidados.

(36) Os Três Reis veio viajando

(37) do lado do Oriente

(38) guiados por uma estrela

(39) todos três muito contentes.

(40) Os Três Reis vieram andando

(41) com prazer aqui parou.

(42) A chegada dos Três Reis

(43) Jesus Cristo esperou

(44) Os Três Reis veio de viagem

(45) com toda a sua folia  
(46) procurar o Menino Deus  
(47) Filho da Virgem Maria.

(48) Os Três Reis veio viajando  
(49) cansaram de viajar,  
(50) encontrou nosso festeiro,  
(51) que nessa presença está.

(52) A viagem dos Três Reis  
(53) nesta porta eles parou  
(54) guiados por uma estrela  
(55) que o anjo anunciou.

(56) A hora que o Menino nasceu  
(57) em Belém ele parou  
(58) ela **cantou anunciando**  
(59) que nasceu o Salvador.

(60) O Menino Deus nasceu  
(61) numa casa verdadeira,  
(62) os Três Reis do Oriente  
(63) vão seguindo com a bandeira.

Poderíamos citar inúmeras poesias, cantos bíblicos que tragam à baila a EF contida em J1. Contentamo-nos pela poesia “Zelos de Lalá” do escritor Sousândrade: *Abençoada a hora em que odiei-te/Tão vulgar! abençoada seja a hora/Em que, mais digna de ti mesma, amei-te,/E açoito-te ainda, pois – que linda agora!* Em J11, J15 e J23, o ato de fala de pedir algo é outro traço de evocação presente em diversas folias brasileiras e em J58 temos uma variante de *o galo/hora cantou anunciando*.

*(K) Folia de Reis do Bom Jesus (GO)*

(1) **Abençoada seja a hora**  
(2) Santos Reis aqui chegou  
(3) Veio fazer uma visita  
(4) Para este nobre morador.

(5) **Ô de casa**, ô de fora  
(6) **Ô de casa**, nobre gente  
(7) Na sua porta chegou  
(8) Os Três Reis do Oriente.

(9) Santos Reis vêm girando  
(10) De noite fora de hora  
(11) Visitando seus devotos  
(12) E pedindo a sua esmola.

- (13) Santos Reis vêm girando
- (14) Viajando escondido
- (15) Vêm andando só de noite
- (16) Fugindo dos inimigos.

- (17) Meu senhor dono da casa**
- (18) Abre a porta e acende a luz**
- (19) Venha ver os Três Reis Santos
- (20) Eles é ministros de Jesus.

- (21) Porta aberta, luz acesa
- (22) Com prazer e alegria
- (23) Arrecebe os Três Reis Santos
- (24) Com sua nobre folia.

- (25) Entra por esta porta adentro
- (26) Vamos, vamos minha gente
- (27) Os gloriosos Santos Reis**
- (28) Quem já entrou em nossa frente.

Nossa hipótese em aventurarmos por uma EF em K1 é confirmada de maneira bem contundente. Encontramos a oração em fragmentos de teatro contemporâneo, em textos espíritas, em poesias líricas, além de comédias francesas de 1682, de Molière. Eis: *Portanto, iremos,/té por amor filial,/seguindo o mesmo sistema/que a princípio me propus./Oxalá que o estratagema/surta efeito! se o produz,/abençoada seja a hora/em que/atrevido e sagaz,/lançadas soberbas fora,/e oculto em libré falaz,/consegui ser bem aceito/pelo senhor Harpagão!*<sup>10</sup>

A fim de exemplificar as EF contidas em K5 e K6 nada mais singular do que o ato de fala de chamamento de um transeunte a sua casa. Esta expressão bastante comum entre as pessoas suporta a compreensão de Koch (1995, p. 8), a despeito da fala, que acontece como ato individual momentâneo e se faz sentir a vontade e liberdade do falante. Outro exemplo moçambicano: *licença me dê, licença me dá/A Nossa Senhora vem te visitá/ô dona da casa, licença me dá/A Nossa Senhora vem te visitá/ô dona da casa, licença me dá/Pega mamãe, põe no lugar.*

Do ponto de vista linguístico, há variação desinencial modo-temporal que justifiquem suas formas. *A priori*, em K18, na umbanda em pedido a Oxalá, encontramos *abre a porta ó gente, que aí vem Jesus, ele vem cansado, com o peso da cruz; vem de porta em porta, vai de rua em rua, oh! Deus da minha alma, sem*

---

<sup>10</sup> Texto o Avarento de Molière. Tradução de António Feliciano de Castilho. Volume XXVIII, RJ, 1950, disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/avarento.html>.

*culpa nenhuma* e verificamos variantes em algumas FR dentro do país, bem como a *repetição* de K17. Observemos:

(i) Reisado Em Jaguaruana (CE)

*Meu Senhor dono da casa abre a porta e acende a luz,/Venho pedir uma esmola pelo nome de Jesus.*

(ii) Folia de Reis de São João de Petrópolis da cidade de Santa Tereza (ES)

*Meu senhor dono da casa,/Abre a porta e acende a luz, Venha receber na porta/O coração do bom Jesus.*

(iii) Folia de reis da Família Dias (SC)

*Abre a porta e acende a luz/ Abre a porta e acende a luz Vamos louvar a Jesus*

(iv) Folia de Reis em Quixeramobim (Piauí)

*Ó de casa/ Ó de fora / Mãe Jerônimo está aí?/ É o cravo/ É a rosa/ É a flor do bugari/ Esta casa esta bem feita/ Por dentro cravos e rosas/Por fora manjerição” e “Senhora dona da casa/ Abra a porta/ Acenda a luz/ Venha ver o Santo Reis/ Fazendo o sinal da cruz”.*

(v) Folia do Grupo Lua Cheia (Aracati)

*“Senhora Dona da Casa/Abra a porta, acenda a luz Venha ver o reisado/Em nome de Jesus”*

(L) Folia de Rei do Sul de Minas (MG)

- |  |         |
|--|---------|
| (1) <b>Viva</b> o Menino Jesus!                          | - Viva! |
| (2) Viva José e Maria!                                   | - Viva! |
| (3) Viva os três Reis d’Oriente!                         | - Viva! |
| (4) Viva a Sagrada Família!                              | - Viva! |
| (5) Viva os donos da casa!                               | - Viva! |
| (6) Viva toda a Companhia!                               | - Viva! |
| (7) Ai, vamos indo pra Belém, ai, ai                     | (bis)   |
| (8) Ai, visitar o filho de Maria, ai, ai                 | (bis)   |
| (9) Ai, os três Reis olhou pro Céu, ai, ai               | (bis)   |
| (10) Ai, vê o Céu assinalado, ai, ai                     | (bis)   |
| (11) <b>Ai, dá licença, meu senhor, ai, ai</b>           | (bis)   |
| (12) <b>Ai, pra nós entra nos portal sagrado, ai, ai</b> | (bis)   |

Quanto a L1, verificamos num canto em Moçambique: *ora viva a Princesa Isabel/Viva povo do Rosário/Viva nêgo de Angola/Viva povo de coroa/No rosário de Maria, e Dá licença do Pai Maior/Dá licença, é dá licença* em K11.

*(M) Boi de Reis do mestre Manoel Marinheiro (RN)*

**(1) Na chegada dessa casa**

(2) Levantamos a bandêra

(3) Viva a honra dessa casa

(4) A poliça brasileira

**(5) Bate asa e canta o galo**

(6) Cristo nasceu em Belém

**(7) Louvemos a Deus divino**

(8) Que nasceu pra nosso bem

**(9) Na chegada dessa casa**

(10) Santo Rei subiu a corte

(11) Meu sinhores e sinhora

**(12) Deus lhe dê muito boa noite**

**(13) Bate asa e canta o galo**

(14) Cristo nasceu em Belém

**(15) Louvemos a Deus divino**

**(16) Que nasceu pra nosso bem**

(17) Se preguntá quem brincou

(18) Hoje aqui neste penhadeiro

(19) Maruja de Camarão

(20) Mestre Manoel Marinheiro

(21) Mestre Manoel Marinheiro

(22) Não promete pra fartá

(23) Quem duvidá venha vê

(24) A maruja de Natal

É de salientar, ainda, a expressão em M1, comum em folgedos como o cavalo marinho e outras folias. Em M5, numa abertura de mesa do catimbó, percebemos: *Bate asa e canta o galo/Dizendo cristo nasceu/Cantam os anjos nas alturas/Rei ruíno/Gloirá no céus se deu* (OLIVEIRA, 1992).

Expressões eucarísticas como *E para sempre seja Louvado o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo*, orações para retirada de obsessão em: *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo./Para sempre seja louvado./Em minha aflição, clamei ao Senhor e fui ouvido./Deus dos Anjos, Deus dos Arcanjos, Deus dos Profetas,/Deus*

*dos Mártires, Deus das Virgens e de todos aqueles que andam pelo caminho do Senhor. Além de músicas contemporâneas como a do DJ Alpiste: Eternamente, pra sempre todo o louvor/Cante comigo louvado seja o meu Senhor/Louvado seja meu Senhor, aquele que me deu a vida pra poder cantar e de Davi Sacer: Louvado seja, Senhor/Teu nome/Entronizado entre as nações* alguns exemplos de variações em M7 e M15 e, por fim, em M18 encontramos algumas músicas natalinas com esta EF.

*(N) Folia de Reis do Grupo Folclórico Campinense (SP)*

- (1) **Meu senhor dono da casa**
- (2) Um favor vou lhe pedir
- (3) Vem abrir a sua porta
- (4) É Santo Reis que está aqui.

Ou ainda

- (5) Os Três Reis aqui chegou
- (6) Vem trazendo essa alvorada
- (7) Vem fazer uma visita
- (8) Abençoar sua morada
  
- (9) Os Três Reis aqui chegou, ai, lá, lá, lá
- (10) Os Três Reis aqui chegou, ai, lá, lá, lá
- (11) Vem trazendo essa alvorada, ai, lá, lá
- (12) Vem trazendo essa alvorada, ai, lá, lá
- (13) Vem fazer uma visita, ai, lá, lá
- (14) Vem fazer uma visita, ai, lá, lá
- (15) Abençoar sua morada, ai, lá, lá
- (16) Abençoar sua morada, ai, lá, lá

*(O) Folia de Reis de Muqui (ES)<sup>11</sup>*

- (1) Ai, a bandeira ta cantando, ai
- (2) Ai, na sua porta encostou, ai.
- (3) Ai, venha ver que ta encostado; ai
- (4) Ai, é uma Estrela do Oriente, ai.
- (5) Ai, já pegou nossa bandeira, ai
- (6) Ai, leva ela pro altar, ai
- (7) Ai, na sombra dessa bandeira, ai
- (8) Ai, nós também vão acompanhar, ai.
- (9) Ai, **Deus vos salve a casa santa**

---

<sup>11</sup>Não encontramos o registro do início da jornada nesta folia.

- (10) **Ai, onde deus fez a morada, ai.**
- (11) **Ai, onde mora o cálix bento, ai**
- (12) **Ai, e a hóstia consagrada, ai**
- (13) Ai, eu contar pro senhor, ai
- (14) Ai, o que foi que aconteceu, ai.
- (15) Ai, veio um anjo do senhor, ai
- (16) E anunciou a Maria, ai.
- (17) Ai, que haverá de vir ao mundo, ai
- (18) Ai, o verdadeiro messias, ai.
- (19) Ai ele veio salvar o mundo, ai
- (20) Ai ele veio salvar o mundo, ai
- (21) Ai ele é o nosso salvador, ai.
- (22) **Ai, meu senhor, peço licença, ai**
- (23) Pra descansar meus folião, ai.

Finalmente, em O9 a O12 encontramos sua macroforma, a intertextualidade, em cantos moçambicanos: *Ô Deus lhe salve casa santa/Onde Deus fez a morada/Onde mora o calix bento/E a hóstia consagrada, oiá* em mantras de descarrego na umbanda: *Ó Deus salve esta casa santa,/Oi santa, oi santa,/Onde Deus fez a sua morada,/Morada, morada,/ Onde mora o cálice bento,/ E a hóstia consagrada./Brilham os peixinhos no mar,/ Brilham as estrelas no céu,/Calunga ê, ê, ê,/Ogum,/Calunga a, a, a, a, a/ Ô Deus salve a casa santa,/Ogum,/Hoje é o dia de Nossa Senhora.*

### **3 Traços de formulaicidade nas Folias de Reis**

Para interagir socialmente, o homem utiliza-se da linguagem, buscando adaptá-la às suas necessidades de expressão. A seleção de uma estrutura linguística, traços da oralidade, vocabulários específicos definem uma identidade social. E é esse caráter dinâmico da fala, relacionada a uma função cultural e social, que nos permite ver traços de variabilidade. E é, justamente, esse fenômeno atemporal, sincrônico e diacrônico, provenientes de falares/dialetos regionais, que fortalecem o discurso e manifesta a repetição textual.

Dentro desse escopo, *a proeza é manter a mimesis da linguagem (a linguagem imitando-se a si própria)*. É assim que Barthes (1987, p. 15) sintetiza a discursividade entre os interlocutores. Por outro lado, essa *mimesis* nos oferece uma fenda tênue para compreender essa repetição, configurada em movência (ZUMTHOR, 2000, p. 54) e expressada pela formulaicidade textual. Na verdade,

numa concepção zumthoriana (ZUMTHOR, 2000, p. 54), historicamente, o discurso ritualístico profano tende a perdurar em sua forma (ZUMTHOR, 2000, p. 54), mas os traços de oralidade, peculiares aos sujeitos, permite a transmissão e movência, resultando em marcas linguísticas, variações vocabulares como é o caso das expressões formulaicas, contidas nas folias de reis brasileiras.

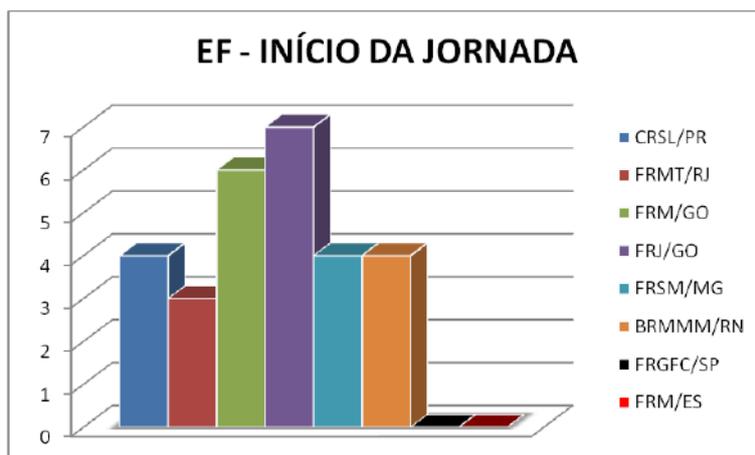
Segundo Cascudo (1978, p. 14), a origem, transmissão e a persistência da oralidade são intermináveis, dado a lentidão da substituição dos elementos por acessórios locais, o que lhe garante o entendimento de que a vida é sucessiva. Noutras palavras, essa tríade relação permite a continuidade do texto e se perfaz pela repetição da oralidade, decorrentes da atividade mnemônica, coletiva, indistinta e reiterada.

À guisa de compreensão, as EF são combinações vocabulares que frequentemente se repetem em seqüências e se consolidam histórico-culturalmente. Para atingir esse procedimento discursivo, o falante se utiliza de sua forma microtextual, como sugere Maingueneau (cf. MARCUSCHI, 2008, p. 180), pelo intertexto, evidenciando, nesse caso, as tradições discursivas propostas por Kabatek (2006), Koch (1997) e Oesterreicher (1997).

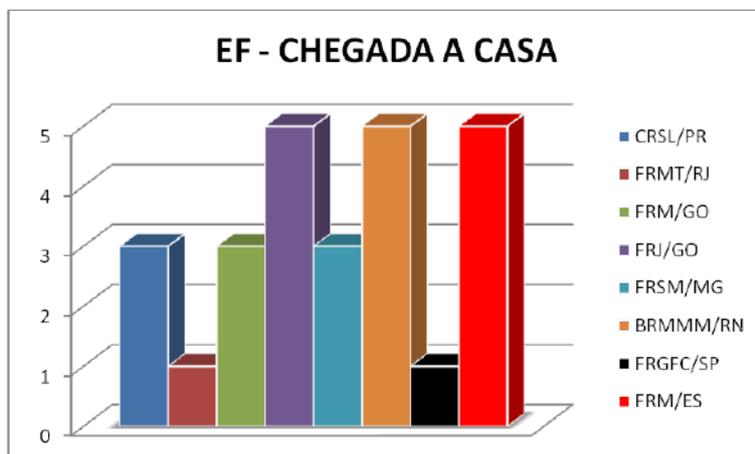
Wray (cf. ALENCAR, 2004, p.32) aponta a irregularidade e a variabilidade como constructo para a compreensão da formulaicidade. A primeira corresponde ao que ele sugere como comportamento anormal, de irregularidade gramatical ou significado não usual, isto é

Ao propor um novo significado, a composição interna da seqüência cria um fator protetor do significado por ela proposto, escapando das pressões naturais da mudança da língua, fato que, muitas vezes, leva a fossilização e a predominância de um significado metafórico, em relação ao significado original. Mas, apesar de tudo, a irregularidade não é fator suficiente para determinar uma seqüência formulaica (ALENCAR, 2004, p.32).

E no que concerne à variabilidade há expressões linguísticas que, não admitindo a irregularidade, cristalizam-se em fórmulas invariáveis ou podem ser flexíveis (ALENCAR, 2004, p. 33). É o caso de K18 e M1, por exemplo. Convém, pois, verificar que até o momento procuramos arguições que corroborassem a fusão entre EF e intertexto. Agora, observemos como se dá em gráficos a presença das EF nas FR em análise:

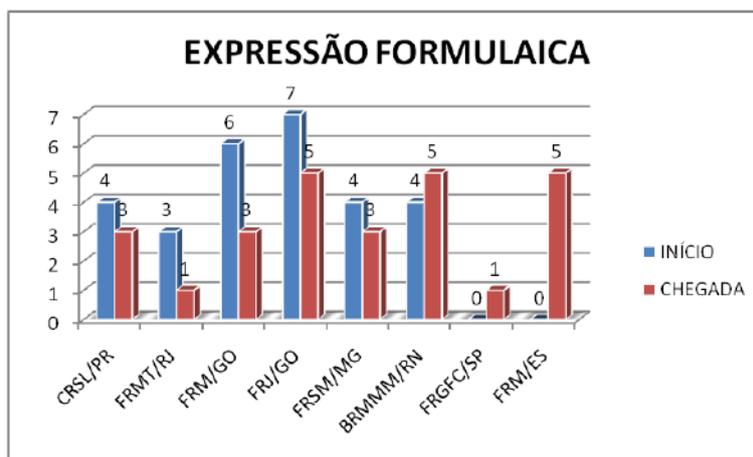


Embora tenhamos apresentado em nosso cotejo duas folias goianas, a título de ilustração e discussão, observamos uniformidade no número de EF nos estados do PR, MG e RN e um grau menor no estado do RJ, porém sua distinção não é assim tão marcante. Isso certamente acontece, pois a interação ocorrida em situações de comunicação entre os actantes permitem tais usos reiterados. É acentuada, evidentemente, a formulaicidade nas folias goianas nesse *início* de ritual, mas verificaremos noutro momento da folia em que isso não ocorre. Observemos:



Diferentemente do início da folia, observamos neste segundo gráfico uma uniformidade no número de EF dentre os estados. Entretanto, se compararmos os dois momentos da folia e o número de EF existentes, verificaremos que, embora o número dessas expressões se deem no momento do início do ritual, há conformidade entre os estados na chegada à casa do festeiro. Em linhas gerais, tanto no início como na chegada há uma presença significativa e pontual de números de expressões, traduzidas em tradições discursivas, que sinalizam evocação e movência textual.

Não obstante aos dados, optamos pela escolha das duas folias goianas por percebemos a expressividade marcante de formulaicidade nessas folias e, com isso, consubstanciar esse grau de uniformidade entre esses folgedos. Isso porque, no início, observa-se um grau de maior presença, mas na *chegada* essa linearidade é bastante perceptível.



### Considerações finais

Sendo o texto a materialização do discurso e a língua o seu objeto de interação, constituinte da historicidade dos falantes, em um *cronotopo* cultural múltiplo e recorrente, temos na tradição oral, compreendida não como uma transmissão de uma herança antiga e estática, sobretudo, quando se observa que ela se (re)cria perpetuamente, quer por contaminação, transferência ou por invenção (cf. MOURALIS, 1982), *corpus* significativo para a análise intertextual das expressões formulaicas que corrobora os estudos sobre a tradição discursiva. Isso acontece porque a tradição oral não é simplesmente um registro da história de um povo, materialização do imaginário popular, mas, sobretudo, elemento identitário, que torna o *modus operandi* de uma sociedade vivaz (SÁ JÚNIOR, 2011). Nesse caso, incutimos reflexões acerca das folias de reis, vivificadas por seus contextos sociais, nessa interface entre expressões formulaicas e intertexto por ambos sinalizarem nossa hipótese inicial que é a de que a oralidade é carregada de formulaicidade textual e que, por sua vez, traduz-se em movência, dentro desse universo nômade que a palavra carrega (cf. ZUMTHOR, 2000), e se impõe como *uma norma ideológica eternizada* (cf. CÂNDIDO, 2002).

## Referências

AUTHIER-RÉVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BARTHES, R. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987

BRANDÃO, T. Autos e folguedos natalinos de Alagoas: o reisado. *Diário de Notícias*, 31 de outubro de 1957. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/dezembro61/especial19.asp>>. Jangada do Brasil, Ano VI - Edição 61, Dezembro 2003. Revista *online*. Acesso em: 01 jan. 2012.

BRANDÃO, C. R. *A Folia de Reis de Mossâmedes*, 1977.

BORGES, A. R. *E aí? Uma proposta descritiva das expressões formulaicas para português L2 para estrangeiros*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Letras, (Tese de doutoramento), 2004.

CÂNDIDO, A. *O mundo provérbio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CASSIANO, C. M. *Memórias itinerantes: um estudo sobre a recriação das Folias de Reis em Campinas*. Campinas, SP: [s.n.], 1998.

CAZELATO, S. E. O. A ocorrência espontânea de expressões formulaicas no contexto patológico: estudo da competência pragmático-discursiva. UNICAMP/LABONE/CCA. *Estudos Linguísticos XXXV*, p. 1786-1792, 2006. [1792/1792] Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/939.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2012.

CHAVES, W. N. D. *Na Jornada de Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico*. Rio de Janeiro: UFRJ / MN / PPGAS, 2003. Tese de dissertação.

CANESIN, M. T.; SILVA, T. C. *A folia de Reis de Jaraguá*. Goiânia, Centro de Estudos da Cultura Popular, 1983.

CASCUDO, L. C. *Antologia do Folclore Brasileiro*. 8 ed. São Paulo: Global, 2002. vol 1.

\_\_\_\_\_. *Literatura oral no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1978. (Coleção documentos brasileiros)

\_\_\_\_\_. *Dicionário do folclore brasileiro*. 9.ed. São Paulo: Global, 2000.

GOLTARA, D. B. **Santos Guerreiros: As Jornadas Encantadas das Folias de Reis do Sul do Espírito Santo**. Antropologia [DAN], Universidade de Brasília [UnB]. (Dissertação).

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do Português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. *Lengua hablada em la românia: español, Francês, italiano*. Biblioteca Românica Hispânica: Gredos, 2007.

LOBO, T. Para a história do português brasileiro. In: PESSOA, M.B. *Transformação da tradição discursiva "requerimento" – séculos XVIII e XX*. Salvador: EDUFBRA, 2006.

KABATEK, J. *Tradição discursiva e mudança linguística*. Salvador: EDUFBRA, 2006.

LOPES, A. C.A Companhia de Reis Santa Luzia, Londrina/PR: considerações acerca do catolicismo tradicional popular brasileiro e o papel de seus mestres-rituais. Disponível em: <http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/1901-8397-1-pb.pdf> . *Antíteses*, vol. 1, n. 2, pp. 347-374, jul.-dez. de 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>>.. Acesso em: 28 dez. de 2011.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, Pontes, 1989.

MOURALIS, B. *As contraliteraturas*. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

MOYSÉS, M. A. A.; GERALDI, J. W.; COLLARES, C. A. L. *As aventuras do conhecer: da transmissão à interlocução*. Campinas, São Paulo: Educ. Soc. Vol 23, nº 78, 2002.

OLIVEIRA, N. *A força do catimbó: suas verdadeiras orações*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992, 122 p.

PASSARELLI, U. *Saga reiseira*. São João Del Rei Transparente. Disponível em: <<http://www.saojoadelreitransparente.com.br/works/view/890>>. Acesso em: 01 jan. 2012.

PORTO, G. *As folhas de Reis no Sul de Minas*. Rio de Janeiro: MEC-SEC:FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1982.

SÁ JÚNIOR, L. A. *Vozes benditas: entre o nomadismo e a performance estão os atos*. João Pessoa, UFPB, 2009 (Tese de doutoramento)

\_\_\_\_\_. *Atos de fala e análise do discurso sócio-interacional*, UFPB, 2009.

\_\_\_\_\_. *Traços de permanência e mudança da memória ibérica no Rio Grande do Norte*, UFRN, 2011.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *P. Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Maria Lúcia Diniz Pochat. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. *Performance, recepção e leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.